

Brasil é considerado líder na profilaxia pré-exposição ao HIV



Reconhecido internacionalmente pelos esforços realizados em prevenção e tratamento da infecção por HIV, o Brasil ganhou destaque recentemente em artigo da revista The Lancet [1]. Assinado pelo Dr. Jerome Galea, da Harvard University, e especialistas da University of California e do Instituto Nacional de Salud Pública de México, o artigo "iPrEP Ya! Latin America

wants PrEP, and Brazil leads the way" (PrEP já! América Latina quer PrEP e Brasil lidera o caminho, em tradução livre) destaca um trabalho brasileiro publicado na mesma edição, liderado pela pesquisadora Beatriz Grinsztejn, do Instituto Nacional de Infectologia Evandro Chagas, Fundação Oswaldo Cruz do Rio de Janeiro[2]. A pesquisa demonstra que a profilaxia pré-exposição (PrEP) ao vírus HIV funciona no mundo real e, mais concretamente, no grupo-alvo prioritário para a estratégia preventiva: homens que fazem sexo com homens (HSHs) e mulheres transgênero atendidas no Sistema Único de Saúde (SUS) brasileiro.

Prevenção

A PrEP (do inglês, Pre-Exposure Prophylaxis) envolve a utilização de antirretroviral por pessoas não infectadas, para reduzir o risco de aquisição do HIV por meio de relações sexuais. Desde 2010, resultados de várias pesquisas vêm comprovando que o uso diário de um comprimido que combina dois antirretrovirais, o tenofovir e a emtricitabina (FTC/TDF), é eficaz na prevenção da aquisição do HIV por via sexual. A Food and Drug Administration (FDA) dos Estados Unidos aprovou o medicamento para este fim em 2012, e recentemente

as autoridades brasileiras (ANVISA) aprovaram o primeiro genérico[3].

"A PrEP é importante porque é a primeira intervenção biomédica contra o HIV para pessoas que praticam sexo anal e ou vaginal que é altamente efetiva na prevenção do HIV quando usada de forma correta e consistente. Ela coloca o parceiro receptivo durante o sexo no controle, porque não requer nem esforço nem conhecimento do parceiro insertivo", disse ao Medscape o Dr. Galea, que é pesquisador-associado no departamento de Saúde Global e Social da Harvard Medical School.

"Mais ainda, a PrEP previne a infecção por HIV nos usuários de drogas injetáveis e, o mais importante, é segura e é aceita pelas comunidades que podem se beneficiar mais dela."

O estudo, realizado em dois centros públicos de São Paulo e em um do Rio de Janeiro durante quase um ano tinha como requisito de admissão adultos com um ou mais critérios de risco de infecção por HIV no último ano (sexo anal sem camisinha com um ou mais parceiros, um ou mais episódios de sexo anal com parceiro HIV positivo ou histórico de infecções sexualmente transmissíveis (ISTs).

Resultados

A pesquisa brasileira determinou a viabilidade de prover de forma gratuita uma dose diária de tenofovir e emtricitabina a homens que fazem sexo com homens e a mulheres transgênero. Dos 450 participantes, 375 (83%) permaneceram até o final do programa, e destes, 74% tinham concentrações do medicamento consistentes com ao menos quatro doses semanais. Dos 148 participantes que reportavam sexo com parceiro infectado com HIV, 80% demonstraram adesão à PrEP.

Não houve evidências de aumento de atividade sexual em situações de risco ao longo das 48 semanas de participação, algo conhecido como compensação de risco. O número médio de parceiros sexuais nos três meses anteriores diminuiu de 11,4 para 8,3 na semana 48. A proporção de participantes relatando sexo receptivo (como passivo) sem preservativo não variou significativamente. Observou-se uma maior adesão entre os que relataram usar drogas estimulantes (por exemplo, cocaína, ecstasy, GHB, etc.) em relação aos que não usavam.

Atenciosamente,

Humberto Marques Tibúrcio

SindLab

Presidente

Eu fiz minha parte! ®